



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**Memória e identidade indígena Tupinikim:  
uma cartografia da literatura indígena**

Trabalho de conclusão de curso como requisito  
para a obtenção do grau de licenciado junto ao  
curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

Orientador: Prof. Dr. Santo José da Silva

Indianara da Silva Lemos

Caieiras Velhas, 2022

Indianara da Silva Lemos

**Memória e identidade indígena Tupinikim:  
uma cartografia da literatura indígena**

Caieiras Velhas, 2022

## Sumário

Agradecimentos .....	4
Apresentação .....	5
Introdução.....	11
A EDUCAÇÃO ESCOLAR .....	14
A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARACRUZ .....	15
Metodologia.....	16
Resultados da pesquisa - Cartografia da produção literária Tupinikim e Guarani.....	18
Povo tupiniquim – memória e resistência – fortalecendo a identidade .....	18
Os Tupinikim e Guaranis contam. ....	18
Revelações sobre a Terra: A memória viva dos Guarani .....	19
A revitalização linguística e o fortalecimento da identidade cultura Tupinikim. ....	20
YBY-MEMBYRA -FILHA DA TERRA.....	21
A B C de Irajá .....	21
Îand e' nhe' engara, îandé anga: îandé r- ekobé.....	22
CONHECIMENTOS TUPINIKIM SOBRE OS CUIDADOS COM A SAÚDE.....	23
MA'ETÏ REGUA TEKOA PORÃ NHÃDEWA.....	25
Discussão sobre os resultados da pesquisa.....	27
Diferenças entre os livros editados por indígenas e não indígenas .....	28
Considerações finais.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXO I .....	31
Atividades desenvolvida por educadores indígenas da escola EMEFI Caieiras Velhas .....	31

**Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui pois me faltaram forças e foi nele que me agarrei. As minhas filhas que foram compressivas nos momentos que tive que estudar e pesquisar para realiza meu trabalho. Minha mãe que sempre esteve pronta a me transmitir seus saberes. Ao meu pai por sempre me motivar com sua sabedoria na palavra de Deus e me mostrar o meu melhor lado. O meu ex marido que sempre me auxiliou tanto nas minhas pesquisas quanto no cuidado com minhas filhas nos dias que tive que me dedicar mais no meu trabalho. Agradeço ao meu amigo e companheiro constantes em todos os momentos e situações boas e ruins. Agradeço aos colegas professores das escolas onde trabalho. E não poderia deixar de agradecer minha Diretora. E meu professor e orientador que teve paciência e compressão nos momentos que eu não correspondi suas expectativas e não desistiu da minha pesquisa e nem me deixou desistir.

## **Apresentação**

Eu, Indianara da Silva Lemos nascida em 16/03/1985, natural do município de Aracruz Estado do Espírito Santo filha de Adão Ramos Lemos e Maria tupiniquim da Silva, ela natural de Aracruz e ele de Vitória. Irei abordar alguns fatos mais importantes da minha vida tanto pessoal quanto na área profissional.

Sou a quarta filha entre 9 irmãos, minha família era uma das mais humildes da nossa comunidade, minha mãe era doméstica e meu pai vivia do mangue e da pesca, enquanto meus pais iam buscar o alimento e recurso para manter a família eu e meus irmãos menores éramos cuidados pelos nossos irmãos mais velhos que são Itatuitim e o Fabiano, os dois foram praticamente nossos responsáveis, minha mãe saía ainda escuro e quando voltava para casa também já era noite e quando ela chegava em casa tudo tinha que estar arrumado e se não estivesse meus irmãos mais velhos apanhavam, tanto da minha mãe quanto do meu pai. Com o passar dos anos meus pais se separaram devido muitas brigas e minha mãe teve que fazer o papel duplo de mãe e pai, para nós irmãos foi um alívio a separação pois eles iam acabar se matando se permanecessem juntos, diante da separação dos meus pais meus irmãos continuaram sendo os responsáveis pelos menores pois minha mãe não conseguia dá conta de trabalhar e cuidar da gente, meus irmãos catavam limões e saíam para vender no bairro mais próximo (Coqueiral), eles sempre tinham que trazer o dinheiro para casa ou algo para comer se não ao chegar em casa apanhavam, como nossa família era muito humilde não conseguíamos concluir a escola fomos considerados alunos evadidos, todo ano era um desafio para frequentar a escola pois minha mãe não tinha as condições de comprar materiais escolares e muito das vezes trazia um cadernos usado dos filhos das patroas dela ou esperávamos o carro do lixo passar na nossa rua para pegar os cadernos de reciclar para ser utilizados com, o tempo foi ficando cada vez pior, as condições financeiras não estavam boas e fomos desistindo de ir à escola pois sofria muito bullying dos colegas e até mesmo por professores, como eu sempre era reprovada por faltas e a minha idade já não era compatível com as séries que eu frequentava os professores sempre me passavam de turma e com isso minha vida escolar foi sendo prejudicada. Quando fui para o quinto ano na escola Primo Bitti em Coqueiral, foi o ano em que eu

consegui concluir uma turma, me passaram do quinto para o oitavo e dali para frente só fui concluindo minha vida escolar com provas e estudando no EJA.

Aos 15 anos de idade conheci meu ex-marido que foi quem me incentivou a concluir meus estudos ele praticamente assumiu o papel de pai comprou roupas para mim pois eu tinha vergonha de ir à escola por falta de roupas até o tênis dele eu usei praticamente me obrigava a ir à escola, na época era o meu namorado.

Aos 16 anos eu descobri que estava grávida da minha primeira filha foi uma surpresa pois na minha cabeça não poderia engravidar como assim falava minha mãe, minha gestação foi muito complicada pois eu não tive informações de como era uma gravidez e como eu citei antes minha mãe não tinha tempo para conversar sobre esse assunto, enfim, minha filha nasceu de 8 meses, ela estava considerada morta, na época eu tinha passado por três médicos e todos falaram a mesma coisa que a criança estava morta no ventre e tive que fazer uma cirurgia de emergência para retirar a criança, assim que retiraram perceberam que a criança tinha vida e que foi tudo um equívoco para mim foi um milagre de Deus.

Após o nascimento da minha filha voltei a estudar à noite e trabalhava durante o dia pois o pai dela ainda estudava e não nos assumiu porque queria terminar os estudos. Quando minha filha completou um ano a minha mãe me mandou embora da casa dela e os avós paternos me receberam em sua casa, como a minha filha já tinha um ano o cacique José Sezenando me procurou para fazer o cadastro do censo pois eu e minha filha já éramos uma família é assim ter o direito de receber o benefício que na época era o fomento, com isso conseguimos ir para uma casa onde minha mãe tinha morado estava abandonada ali iniciei minha família eu e minha filha, passamos muitas dificuldades mas os avós paternos e minha mãe sempre ajudavam com cesta básica e algum dinheiro o pai da minha filha terminou os estudos e voltou para a aldeia minha filha vivia doente pois sentia muita falta do pai, ele começou a trabalhar na roça e o pouco dinheiro que recebia era para sustento da casa e para comprar as coisas para nossa filha, meu ex-marido sempre me apoiava em relação aos estudos resolvi concluí-los, quando conclui o meu ensino médio eu fui convidada para fazer um trabalho na escola EMEFI Caieiras Velhas, eram um trabalho com crianças que apresentavam

dificuldade de aprendizagem o nome do projeto era “Mais alfabetização”, trabalhei no projeto com tema “Alimentação tradicionais”, A professora Cristina que me indicou para estar atuando como professora e foi através desse projeto que eu comecei a fazer o curso de pedagogia na faculdade à distância. O curso de pedagogia era pela instituição Unimes Virtual de São Paulo, o curso era para concluir em 3 anos, como eu tinha muita dificuldade em relação ao tempo de entrega dos trabalhos eu concluí em seis anos, me desesperava quando não conseguia passar nas provas a distância meu marido sempre me apoiando e eu chorando nas madrugadas.

Minha trajetória na educação escolar indígena ocorreu quando a professora chamada Cristina Oliveira me indicou para ser professor no projeto de alfabetização, a mesma propôs essa oportunidade junto com a diretora na época chamada Marciana, devido essa experiência eu decidi fazer faculdade de pedagogia e com o tempo surgiu o processo seletivo eu resolvi fazer pelo incentivo de algumas pessoas inclusive do meu ex-marido, já que não exigia ter concluído a faculdade resolvi concorrer a uma vaga, consegui ficar em uma posição boa na lista de chamada e assim que surgiu uma oportunidade me convidaram para preenchê-la, logo consegui a vaga para trabalhar na escola como professora, minha primeira turma foi de alfabetização primeiro ano do ensino fundamental, foi um desafio muito grande para mim que nunca havia atuado, foram momentos de desespero de querer desistir de tudo de chorar a madrugada inteira, eu nunca vou esquecer dos dias que tinha que preencher o diário de classe nossa que desespero, tive que comprar três diário e refazer várias vezes porque ainda não tinha experiência. A minha pedagoga na época era muito dura, mas eu a agradeço muito porque foi ela que me mostrou o caminho certo que deveria percorrer, ela foi um exemplo para mim como professora foi a mesma que me indicou no projeto a Cristina Oliveira, ela me apoia até hoje, não foi fácil, quando assumi a turma a minha bebê não tinha nem 20 dias de nascida e eu ainda estava operada, mas tive que assumir a turma, deixei minha filha com minha mãe, assim meu psicológico ficou muito abalado na época.

Fiz formação e pesquisa com empenho para corresponder a minha expectativa de ser professora na educação escolar indígena, hoje tem 12 anos que atuo na minha comunidade (Caieiras velhas) e no ano de 2021 tive a oportunidade de trabalhar em

uma escola não indígena onde para mim foi uma experiência maravilhosa em conhecer um trabalho fora dos nossos costumes.

Há seis anos estou cursando o PROLIND, esse curso me proporcionou momentos gratificantes de muito estudo e pesquisas fortalecendo a minha vida pessoal e profissional onde tem aberto portas para o conhecimento e despertando em mim a sede de voltar no tempo e conhecer tudo que foi vivido pelo meu povo como lutas, conquista etc.

Não foi e nem está sendo fácil essa trajetória de estudo pois também tem uma vida e família, mas consegui com muito esforço e apoio da minha família chegar à conclusão do curso, foram dias, noites e fim de semanas de pesquisas, atividades, tempo aldeia, aulas online, várias e várias qualificações profissional. A vontade de desistir era grande, mas se eu desistisse não estaria desistindo apenas de um curso eu estaria desistindo das lutas de muitos, quantas pessoas lutaram em busca de um curso intercultural indígena ofertado pela UFES e quantos desistiram ao longo do curso e eu não queria ser mais uma, mas realmente teve noites e dias de choro e vontade de parar pelo caminho.

Na realidade essa pesquisa não era realmente a que eu queria realizar, meu tema era memórias indígenas, pois eu queria conhecer melhor sobre minha identidade e com o tempo trabalhando na educação indígena descobri que o que nos fortalece é o conhecimento da nossa identidade e nada melhor que ir em busca de relatos sobre o nosso passado assim facilitaria a compreensão do nosso presente, dentro de mim tem dúvidas curiosidades e incertezas que gritam pela verdade sobre minha família, isso seria a minha pesquisa onde e o que realmente aconteceu há anos atrás com a minha família no início da formação da aldeia, infelizmente irei continuar com muitas curiosidades.

Tenho certeza que o início foi com meu avô Benedito Joaquim sendo ele o primeiro cacique e como foi recebido em sua comunidade, esse tema seria anos de pesquisa e para esse momento ficou impossível realizar.

O tema memória e identidade indígena tupiniquim foi uma sugestão do meu professor e orientador Sandro José da Silva, a princípio me senti um pouco perdida, mas assim que

comecei a ler e a me dedicar nas pesquisas pude ir entendendo e me encontrando aos poucos e entendendo qual direção tomar.

A realização dessa pesquisa contribuiu muito para meu crescimento pessoal descobri como é importante conhecer a nossa pluralidade da cultura indígena pois nós não somos essas indígenas contadas em histórias de livros. A nossa história não começa com a chegada dos colonizadores ela começou antes mesmo que o Brasil se chamasse Brasil, somos os protagonistas da nossa história. O meu povo tupiniquim é marcado por lutas onde sofremos todos os tipos de violência dentro e fora da nossa aldeia por isso a militância indígena vive dentro de nós, lutamos diariamente para manter nossas tradições e nossa língua. Eu cresci vendo minha mãe lutando pelos nossos direitos, desde criança aprendi a respeitar a natureza e é o nosso que é a nossa maior riqueza e todos os conhecimentos que são passados na oralidade através dos nossos anciões que são os nossos mestres e é importante que nós nos conectamos com eles.

Após realizar o resumo das literaturas Tupinikim eu senti um anseio muito grande em conhecer com mais profundidade a história do meu povo, a literatura me libertou e me fez me encontrar e hoje sei o quanto é importante buscar o conhecimento da nossa identidade e esse anseio não para por aqui e com isso espero que essa pesquisa possa auxiliar outras pessoas a conhecer melhor a nossa história e ter um olhar diferente.

A literatura é um instrumento de fazer chegar mais longe a oralidade um arco e flecha que ao lançar os livros quero atingir o coração das pessoas e que elas possam entender melhor essa temática indígena que é que poucos conhecem e poucos compreende Daniel Munduruku.

Chego ao final dessa pesquisa com o coração cheio de gratidão, posso afirmar que a literatura Tupinikim me proporcionou momentos de reflexão hoje eu não sou mais uma no meio da população Brasileira, hoje eu posso afirmar com muito orgulho sou Indianara Tupinikim filha dessa terra. Posso afirmar com toda convicção eu pertencço um povo indígena e me apresento com muito orgulho como descendente de um povo guerreiro. Agradeço a Deus por me dar forças e saúde para concluir o curso minha família e principalmente minha mãe pois ela foi a minha professora foi a partir dela que me despertou esse anseio de conhecer melhor minha identidade e com a sua sabedoria me

auxiliava nos meus trabalhos de pesquisa agradeço ao meu ex-marido que não me deixou desistir estava sempre me auxiliando nas minhas produções e sempre cuidando das nossas filhas enquanto eu estava buscando mais conhecimento.

## **Introdução**

Para entender mais sobre o contexto do presente trabalho, pretendo realizar uma pesquisa mais apurada sobre a literatura indígena em nossa comunidade, já que ela sofre até hoje para resgatar nossas origens e costumes e ser reconhecida como povo indígena. A elaboração da cartografia das obras relacionadas aos Tupinikim se deve a escassez desse tipo de abordagem. As obras científicas ficam restritas a uma discussão acadêmica e pouco espaço é dado a maneira pela qual os povos indígenas constroem seu próprio arcabouço conceitual para a transmissão de conhecimento.

Optou-se pelas obras escritas por e com Tupinikim e Guarani para fornecer a professora e professor elementos sintéticos para que ele possa identificar os temas, abordagens e conceitualizações que possam ajudar o trabalho em sala de aula. O Povo Tupinikim e Guarani tem uma abordagem audiovisual que vem crescendo nos últimos anos e, embora bastante interessante, foi deixada para uma análise futura por necessitar de instrumentos de análise distintos dos aqui apresentados. Em espaços como o da escola, uma cartografia pode ser útil para o dia a dia do fazer pedagógico, especialmente trazendo aos estudantes como cada intelectual indígena construiu sua maneira de ver o mundo.

A busca por uma literatura indígena se prende ao tema do pertencimento e a autodeterminação. As obras aqui apresentadas não tratam apenas do conhecimento, mas deste como um processo de descoberta no mundo. Ao escreverem suas memórias, por exemplo, as obras enunciam um modo de pertencimento dos Tupinikim e, portanto, uma posição em relação aos demais conhecimentos que é de partilha e respeito.

Isto porque o trabalho das professoras e professores indígenas como venho acompanhando é, principalmente, fornecer subsídios para que as crianças indígenas enfrentem o preconceito e a discriminação que as afeta em diferentes espaços, sejam eles externos às aldeias ou mesmo o cotidiano aldeão. As identificações sociais estão sempre se construindo e modificando e um olhar sobre a forma como se dá a educação pode ajudar a entender essas transformações.

Sabemos que ninguém tem o direito de dizer qual tipo de etnia cada indivíduo pertence, pois se trata de uma questão pessoal e cultural que cada grupo étnico que pertence. A

distinção étnica que ele faz de seus usos no grupo ao qual pertence é definido em relação aos demais grupos aos quais ele interage só a própria pessoa pode se identificar. Trata-se de uma questão de identidade étnica a defesa de críticas externas que se fundamentam em uma grande questão: Quem é índio quem não é índio?

Não existe um critério objetivo para definir quem é e quem não é indígena. Ao se aprofundar nas pesquisas descobriremos que nosso biótipo, ou seja, biológico não será necessariamente o fato para definir uma pessoa e (sua identidade), uma coisa é diferente da outra. Então independente das mudanças – históricas culturais e biológicas -, um indígena continuará sendo indígena, pois a etnia não se perde por causa de uma opinião infundada ou avaliações sem embasamento histórico ou até mesmo por algum tipo de pensamentos críticos sem algum tipo de conhecimento. Enfim ninguém define o que é ser indígena, pois cabe a própria pessoa se autodefinir pelo critério de pertencimento. Ou seja, um indígena, vai se sentir indígena por motivo de pertencimento, por dar continuidade à memória histórica em relação aos povos que estavam aqui antes dos europeus chegarem. Se a pessoa se sente pertencente a esse grupo e com isso cria critérios de continuidade ambos podem se disser indígenas.

A literatura indígena tem papel fundamental na formação do indivíduo como parte de um grupo étnico porque é o resultado de pesquisas realizadas por indígenas e não indígenas sobre temas que resultam das lutas por reconhecimento. Hoje vivemos em outra realidade que aquela da colonização, onde existem constituições que nos garante direito e autonomia de sermos o que somos e isso se expressa na literatura indígena.

A literatura indígena nos mostra um caminho para valorizar a pluralidade e a expressão do “outro” e do “diferente”, reconhecendo a sua contribuição para cultura e a sociedade e conseqüentemente respeitando o outro e a nós mesmos, com isso podendo combater a exclusão e a discriminação promovendo o respeito à diversidade assim sendo capaz de reconhecer a importância das narrativas, com isso pode garantir registro do trabalho, reproduzir e produzir materiais que serão utilizados e fortalecerão a identidade cultural, além de resgatar a memória e a história do nosso povo.

O objetivo geral do presente TCC foi resgatar a identidade cultural através de uma cartografia social das narrativas presentes nas obras literárias sobre os Tupinikim com o

objetivo de descrever, como as narrativas circulam oralmente nas comunidades indígenas.

Os objetivos específicos da pesquisa se resumiram em fazer um levantamento das obras que tem como objeto as expressões culturais dos Tupinikim para criar um mapa da produção literária; Ler e resumir a literatura Tupinikim para disponibilizar um repertório de temas, abordagens e conclusões e construir um modelo de análise das temáticas tratadas na literatura Tupinikim para fornecer subsídios aos/as professores/as, alunos e alunas e público em geral, para apoio e desenvolvimento didático-pedagógico.

A maior justificativa para este TCC foi resgatar, através dos registros escritos das memórias dos anciãos da nossa comunidade indígena, as histórias contadas de geração em geração, relato das histórias antigas que se manifestam em determinados contextos de vida, guardadas em suas lembranças.

A proposta de trabalho surge pela necessidade em garantir momentos de vínculos e convívio social da comunidade, da família, com os anciãos da nossa comunidade, pois são fontes de sabedoria, fontes de conhecimentos que se revelam através das lembranças de diferentes tempos e espaços culturais. Partilhar histórias de vida permite a quem conta sua história, relembrar, reviver, compartilhar momentos subjetivos e afetivos nos oportunizando pensar, refletir, imaginar, a valorizar as memórias e suas experiências cotidianas ampliando o conhecimento de nós mesmos e do mundo. Além disso, ouvindo histórias possibilita-se o desenvolvimento de outros universos de valores, costumes, saberes, comportamentos de outras culturas e respeito ao próximo.

No contexto da educação indígena a oralidade sempre foi uma prática social interativa associada às condições de comunicação. Em especial na cultura indígena, a oralidade ainda é um importante mecanismo de manutenção de tradição entre as gerações constituindo-se como um dos mais importantes e fundamentais meios de propagação da cultura e da história, ao resgatar como foram vividas as mudanças pelos povos.

Para as famílias indígenas a linguagem tem um valor importantíssimo como meio de comunicação. Ela não é assumida como um objeto cultural autônomo, mas ao contrário como um instrumento de interação social, ela é, antes de tudo, um ato comunicativo em um contexto real e funcional.

Podemos assim dizer que é através da oralidade que se legitima as formas de conhecimento indígena sustentadas no mundo da oralidade.

Como metodologia do presente TCC nos propusemos a produzir uma revisão da literatura recente sobre os Tupinikim. O campo de investigação serão os livros, materiais didáticos e paradidáticos produzidos pelos educadores/as Tupinikim no rol das ações para a educação intercultural indígena. Será produzida uma "linha do tempo" sobre a produção identificando nome da obra, autor/a/res, tema abordado e resumo da obra. Após a leitura será possível montar uma cartografia dos temas abordados e sua correspondência na educação escolar indígena facilitando aos professores a escolha dos temas, as sínteses da bibliografia e o desenvolvimento de novas experiências em sala de aula.

## **A EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Todo povo tem sua cultura e seus próprios processos de educação, e de reprodução. Esse processo está ligado ao modo de viver em sua cultura e transmitir seu conhecimento as novas gerações (MÉLIÁ, 1979).

Cada grupo étnico ou social/cultural parte de suas necessidades e realidade para forjar processos educativos, onde o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas a rotina do dia a dia, ao trabalho ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço específico (MAHER 2006. p 17).

A categoria "educação escolar indígena: foi criada com parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação. Nele a escola é definida no artigo 2º por sua "localização em terra habitada pelas comunidades indígenas". Contudo a compreensão dos espaços tempos em que está se realizar, a escola indígena, não pode ser entendida apenas com um estabelecimento de ensino localizado nas aldeias, localidades em que vivem comunidades indígenas. Para Tassinari (2001 p 50) as escolas indígenas são definidas como espaço de fronteiras "espaço de trânsito, articulação étnica de conhecimento, assim como espaço de redefinições identitárias dos grupos envolvidos nesse processo e não índios".

Segundo Silva (1998) a escola indígena é uma nova forma de instituição educacional para revitalização e reelaboração cultural de cada povo, tendo como objetivo a conquista de sua autonomia social, econômica e cultural, contextualizada e alicerçada em sua memória histórica, na realização de sua identidade étnica.

### **A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARACRUZ**

A Educação Escolar Indígena desde a sua implantação e o reconhecimento como modalidade de ensino no município de Aracruz, já obteve vários avanços, mas ainda tem enfrentado muitos desafios que se revelam no cotidiano dos professores da Educação Básica.

A Educação Escolar Indígena teve seu início em 1994 com o apoio na época do Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena e a Subcomissão (NISI-ES) – Subnúcleo de Educação Indígena através de uma articulação de parceiros com a função de formular, assessorar, executar e avaliar ações da educação indígena. Era composto por caciques, lideranças, professores indígenas, órgãos governamentais (FUNAI, Governo do Estado, Secretaria Municipal de Aracruz) e órgãos não governamentais (Instituto para o Desenvolvimento de Jovens e Adultos e a Pastoral Indigenista - IDEIA).

A educação sistematizada iniciou-se com aulas para jovens e adultos com o apoio da Pastoral Indigenista, com total de 7 educadores indígenas somando todas as aldeias. Entre 1996 - 1999 foi realizado a Formação de Educadores Indígenas Tupinikim e Guarani tendo como objetivos:

- Formar educadores Índios Tupinikim e Guarani que possam programar, nas aldeias, uma Educação Indígena específica e diferenciada, intercultural e bilíngue.
- Formular proposta pedagógica que assegurasse os processos próprios de aprendizagem indígena e que proporcionasse o conhecimento de outros processos de aprendizagem.
- Valorizar a cultura Indígena Tupinikim e Guarani em todo seu universo.
- Produzir material didático-pedagógico que subsidie o processo ensino-aprendizagem.
- Realizar enquetes e pesquisas que contribuam para a compreensão do meio social e natural das culturas indígenas Tupinikim e Guarani, nas quais os educadores

participassem ativamente, seja no processo de coleta do material seja na apropriação de instrumentos de análise.

Existem hoje mais de 3 mil escolas em territórios indígenas no Brasil. A [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional \(LDB\)](#), de 1996, fala sobre o desenvolvimento de programas para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas e significou um avanço nas políticas educacionais brasileiras.

Em seguida faremos uma apresentação da metodologia empregada no presente trabalho.

### **Metodologia**

A metodologia se mostra um desafio na medida em que buscamos caminhos que possam ser representativos para o trabalho escolar indígena, mas, ao mesmo tempo, possam ser reproduzidos por outros pesquisadores/as para comparar os resultados. Uma das tendências dos trabalhos nas escolas indígenas é identificar as realidades culturais desses povos e demonstrar que eles são indissociáveis de seu modo de conceber a realidade. Essa é uma das diretrizes já descritas no Plano Nacional de Educação de 2001 quando indica que a formação deve

capacitar os professores para a elaboração de currículos e programas específicos para as escolas indígenas; capacitar para o ensino bilíngue, no que se refere à metodologia e ensino de segundas línguas e ao estabelecimento e uso de um sistema ortográfico das línguas maternas; a condução de pesquisas de caráter antropológico, visando à sistematização e incorporação dos conhecimentos e saberes tradicionais das sociedades indígenas e à elaboração de materiais didático-pedagógicos, bilíngues ou não, para uso nas escolas instaladas em suas comunidades (Brasil, 2001).

A mesma preocupação com a metodologia específica se encontra na Resolução 03/99 quando apresentou duas garantias importantes para a qualificação dos professores indígenas:

a primeira é sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização, e a segunda é a ênfase que deverá ser dada em cursos de formação, para a reflexão em torno de conhecimentos, valores, habilidades, e atitudes, como também para a elaboração, desenvolvimento e avaliação de currículos e programas próprios, produção de material didático e utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa (Brasil, 1999).

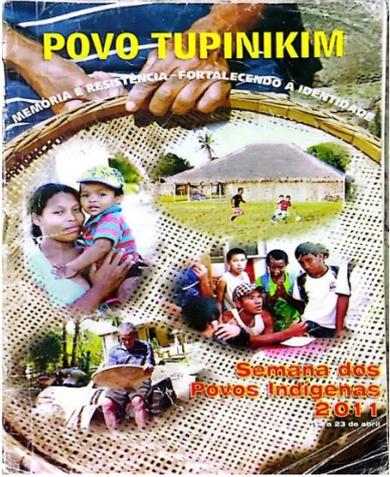
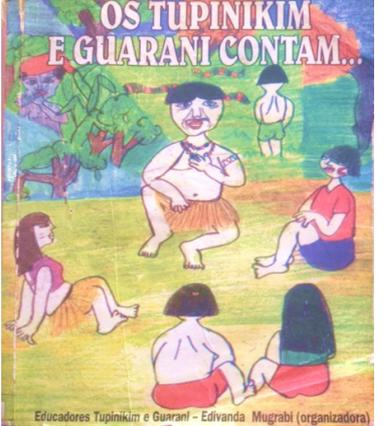
Esse foi o exemplo do movimento da escola indígena que desenvolveram os princípios que nos ajudam a entender a necessidade da metodologia no enfrentamento das dificuldades impostas pela “escola do branco”. Diz o documento final

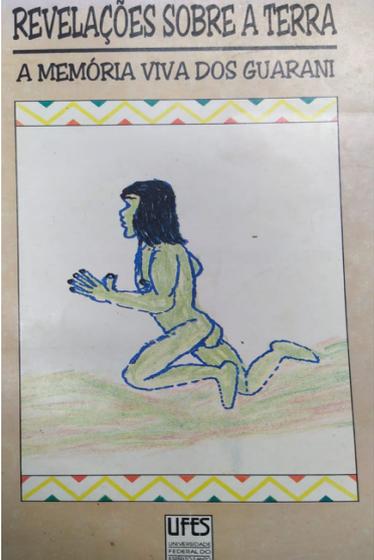
[...] Queremos uma escola própria do índio [...] A comunidade deve decidir o que vai ser ensinado na escola, como vai funcionar a escola e quem vão ser os professores. [...] Os currículos devem respeitar os costumes e tradições das comunidades guarani/kaiowá e devem ser elaborados pelos próprios professores junto com as lideranças e comunidades. [...] As escolas guarani/kaiowá devem ter seus próprios regimentos [...] Que as iniciativas escolares próprias das comunidades guarani/ kaiowá sejam reconhecidas e apoiadas pelos municípios, estado e união [...]. (Documento final do I Encontro dos Professores e Lideranças Guarani e Kaiowá, 1991)

Com a retirada da incumbência da educação indígena da Funai e sua atribuição ao Ministério da Educação pudemos vislumbrar melhor o que a Constituição Federal indica no Artigo 231, como o respeito “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições” e no Artigo 210, § 2o “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Ou seja, a metodologia que buscamos aqui trata de evidenciar não apenas os conteúdos, mas sua relação com os diferentes níveis da vida dos povos indígenas.

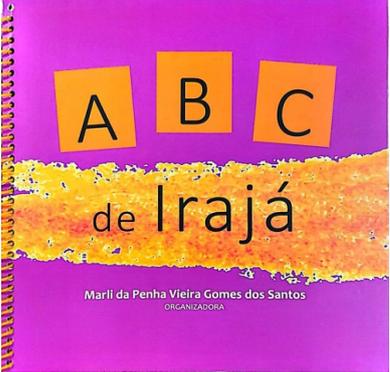
Optamos por dois caminhos: ler e resumir as obras dos povos indígenas no município de Aracruz, sem estabelecer uma data inicial, exibir informações básicas em forma de tabela. Também buscamos identificar: 1) Nome da obra; 2) o/a Autor/a; 3) a Data da primeira publicação; 4) o Tema abordado e 5) um Resumo da obra com os principais aspectos que a professora/professor pode encontrar para preparar suas aulas e outras atividades pedagógicas. Em seguida reunimos os resultados de uma oficina com uma professora desenvolvendo uma das atividades apresentadas nas publicações. Por fim, apresentamos o resultado desse levantamento e, no anexo, os dados da oficina. Esperamos dar continuidade no registro de novas obras.

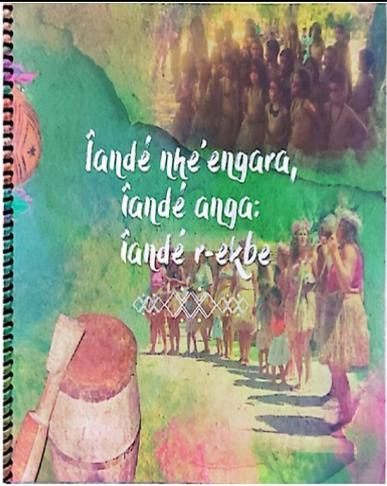
## Resultados da pesquisa - Cartografia da produção literária Tupinikim e Guarani

	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>Povo tupiniquim – memória e resistência – fortalecendo a identidade</b></p> <p>Autor: Cledes Mark</p> <p>Data: 2011</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>O caderno da semana dos povos indígenas de 2011 tematiza a vida, a história a cultura, a resistência e aos desafios dos povos Tupinikim do Espírito Santo.</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>O caderno vem trazendo uma reflexão que é ter um olhar diferenciando pra a história e identidade pois as mesmas representam fonte de aprendizado para toda sociedade nacional.</p> <p>O caderno está dividido em 3 partes a primeira é pensado nas crianças. A segunda para o público juvenil a terceira parte traz orientações pedagógicas.</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>Os Tupinikim e Guaranis contam.</b></p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Educaçoes Tupinikim e Guarani– Edivania Mugarabi (organizadora)</p> <p><b>Data:</b> 1996</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>História do povo e fortalecendo a cultura nele encontra-se registros de relatos contados pelos anciões das comunidades.</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>A coletânea de textos produzidos através de relatos de vida cotidiana dos Tupiniquins e guaranis a maioria foi escrita pelos educadores tupiniquins com a esperança de voltar às origens o</p>

	<p>livro traz histórias de duas culturas indígenas tupiniquim e Guarani a proposta é deixar para os novos gerações registros que demonstram grande sentimento em relação a resgate de sua cultura.</p>
 <p>The image shows the front cover of a book. At the top, the title 'REVELAÇÕES SOBRE A TERRA' is written in a stylized, hand-drawn font, followed by the subtitle 'A MEMÓRIA VIVA DOS GUARANI'. Below the text is a central illustration of a person with long dark hair, wearing a simple green garment, kneeling on a green and brown landscape. The illustration is framed by a decorative border with a repeating zig-zag pattern in yellow, green, and red. At the bottom left of the cover, there is a small logo for 'UFES' (Universidade Federal do Espírito Santo).</p>	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>Revelações sobre a Terra: A memória viva dos Guarani</b></p> <p><b>Autores/as:</b> Comunidade indígena Tekoá Porã (ES) Introdução e organização: Celeste Ciccarone.</p> <p><b>Data:</b> 1996</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>Memória dos povos indígenas Guarani Mbiá no estado do Espírito Santo</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>Trata-se de uma coletânea de narrativas indígenas sobre a migração de um grupo familiar Guarani-Mbyá desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. AS memórias narram trinta anos dessas migrações e a fixação no espírito Santo.</p> <p>O livro apresenta memórias, narrativas, histórias que descrevem tempos e lugares, mitos e reconstroem “o sentido heróico da duração; o acontecimento extra-ordinário suspende, por sua vez, o fluxo da sucessão dos eventos” (Introdução).</p> <p>Segundo a introdução escrita pela Profa. Celeste Ciccarone “A retórica indígena toma de repente a cena, e as fases dos tempos se diluem. Uma história, a mesma história, repetida por cada narrador, no seu estilo, monta textos diferentes. Contam-se seis histórias de vida e desvendam-se as subjetividades que dão sentido e sabor ao dado. No meio das narrativas se insinua a sonoridade dos cantos, liturgia do ser Mbyá. Na trajetória central da busca e da luta pela terra convergem os relatos sobre as regras da vida coletiva, os ciclos e as estações dos homens e dos</p>

	<p>Deuses, a heróica e a mística da identidade, a formação do pajé, as tarefas dos líderes, os cantos das gerações, os encantos da mata.</p> <p>São seis narradores, parentes próximos de Tatati, guia espiritual do grupo, que acompanharam a caminhada e que prosseguiriam nos cargos de lideranças, seguindo a tradição da descendência matri-linear, quiseram prestar uma homenagem à líder, contando sobre os longos anos migração e as dificuldades enfrentadas.</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>A revitalização linguística e o fortalecimento da identidade cultura Tupinikim.</b></p> <p><b>Autor/a/res /</b></p> <p>Jocelino da Silveira Quiezza – Cadernos do Comin</p> <p><b>Data:</b> 2014</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>Lutas histórica do povo pela reafirmação cultural dos Tupinikim.</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>O autor aborda em seu livro as lutas de seu povo para a reafirmação da cultura dos povos Tupinikim.</p> <p>O autor dividiu seu trabalho em três capítulos:</p> <p>capítulo 1 Reflexão sobre a língua, linguagem, cultura, identidade cultura e revitalização: uma luta muito atual.</p> <p>Capítulo 2 Razões da perda da língua materna pelos Tupinikim</p> <p>Capítulo 3 A revitalização linguística como instrumento de fortalecimento da identidade cultural dos Tupinikim</p>

	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>YBY-MEMBYRA -FILHA DA TERRA</b></p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Guichard Faustini Mendes</p> <p><b>Data:</b> 2002</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>Biografia da D.Helena Coutinho e lutas para manter a cultura Tupinikim.</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>O livro apresenta relatos de vida de umas das anciãs e liderança da comunidade Tupinikim a mesmo aborda temas importantes para o fortalecimento da cultura além de ser uma fonte de pesquisa para quem deseja conhecer melhor a trajetória de lutas desse povo.</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>A B C de Irajá</b></p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Marli da Penha Vieira Gomes dos Santos.</p> <p><b>Data:</b></p> <p>2016</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>O livro foi feito a partir de uma iniciativa da professora Marli, da aldeia indígena Irajá. Ela estava atenta para as inadequações do repertório de palavras utilizadas até então no trabalho de alfabetização dos alunos nas escolas das aldeias Tupinikim.</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>O livro é composto por 27 páginas e cada página vem apresentando uma letra do alfabeto e uma palavra que é do conhecimento do povo indígena</p>

	<p>e seu significado além de imagens que foram produzidas pelos próprios alunos.</p> <p>Os livros convencionais de alfabetização distribuídos pelo MEC que vem sendo usados nas aldeias não atendem as especificidades das comunidades.</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>Îand e' nhe' engara, îandé anga: îandé r- ekobé</b></p> <p>Nosso canto, nossa alma: Nossas Histórias.</p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Professores Indígenas Tupinikim</p> <p>Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFES</p> <p><b>Data:</b> 2017</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>A música sempre esteve associada as tradições e as culturas de cada povo em diferentes épocas. Com isso teve-se a ideia com o projeto de registrar as músicas tradicionais do povo Tupinikim, tendo também como objetivo a revitalização da língua Tupi, o resgate e a revitalização de músicas das comunidades indígenas Tupinikim. Então, pensando nessas questões de fortalecimento da identidade cultural, vemos os Tupinikim como povo de tradição oral que traz em suas músicas que são tocadas aos sons dos tambores e das casacas, registros de suas histórias, lutas, romances, relacionamentos comunidade, plantas medicinais, etc.!</p> <p><b>Resumo</b></p> <p>O livro "Nosso canto, nossa alma: Nossas Histórias". Está dividido em 3 partes: Parte 1 Músicas traduzidas na língua tupi e uma sequência de atividades para serem desenvolvidas. Atividades que podem ser realizadas juntamente com a família e comunidade em geral. Parte 2 uma coletânea de músicas criadas pelos próprios moradores da comunidade que relatam suas vivências diárias.</p>

	<p>Parte 3 Outra sequência de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula.</p> <p>“Antigamente as festas eram muito boas, muito animada, o povo si organizavam em tudo e eram muito unidos. Nessas festas eles matavam boi e porco para receber o povo que dançava e cantava, era muita comida que fazia, o interessante é que não tinha bebidas alcoólicas igual hoje, a única bebida que tinha era o café de cana e não tinha violência, ninguém brigava. Nas festas as crianças não participavam junto com os adultos, ficavam sentados e olhando. a única brincadeira que se envolviam era a brincadeira de roda onde até os mais velhos entravam na roda para brincar. As festas antigamente aconteciam mais nas datas comemorativas mesmo, como as festas de reis, Congo, Samba de viola e Dança dos mascarados.”!</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>CONHECIMENTOS TUPINIKIM SOBRE OS CUIDADOS COM A SAÚDE</b></p> <p>GUIA DE PESQUISA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL</p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Ana Paula dos Santos Martins – EMEFI Caieiras      Velha Indianara da Silva Lemos – EMEFI Caieiras      Velha Josias Pereira Benedito – EMEFI Caieiras      Velha      Keilla Pereira da Rosa de Almeida – EMPI Pau Brasil      Lucenilda de Souza Pêgo – EMEFI Caieiras      Velha Raquel Alves Silveira – EMEFI Caieiras Velha      Tainá dos Santos Matheus – EMEFI Dorvelina Coutinho, aldeia Comboios</p> <p>Edição      Marina Kahn      Prof. Marli Gomes, aldeia Irajá / EMPI Pau Brasil.</p> <p><b>Data:</b> 2015</p> <p>Terra Indígena Tupinikim e Guarani</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>Este livro reúne um conjunto de informações sobre tratamentos para a cura de doenças ou o alívio de mal-estar, conforme o conhecimento</p>

dos Tupinikim das aldeias Caieiras Velha, Irajá, Comboios, Pau Brasil e Areal. Foi feito no âmbito do programa federal Ação Saberes Indígenas na Escola, que pretende valorizar a pesquisa-ação de professores e alunos indígenas junto às suas comunidades.

### **Resumo**

O livro “Conhecimento **Tupinikim** sobre os cuidados com a saúde”. Tras uma proposta de atividade realizadas atrás de pesquisas juntamente com as famílias e os anciões da nossa comunidade uma parceria entre escola. Família e comunidade. O mesmo é organizado em 4 capítulos.

#### Capítulo 1 – As plantas

Nesse capítulo são apresentadas diversas plantas e sua utilização como planta medicinais e seus benefícios. As plantas são conhecidas por praticamente todos os povos do mundo. A base de tratamentos e curas da maioria dos males, antes do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, era feita a partir da flora, algumas vezes integrada com elementos da fauna também.

#### Capítulo 2 – Os animais

No capítulo 2 é abordado como é a ligação dos humanos com os animais. Essa relação acontece por vários motivos: para a alimentação, como força de trabalho, para auxiliar em atividades como a caça, para proteger a casa e as pessoas da família, ou apenas como relação afetiva, que são os animais de estimação que trazemos para criar em nossas casas. Há conhecimentos ancestrais sobre como algumas partes desses animais podem ser úteis para a cura de doenças mais graves ou o alívio para situações de mal-estar. Associado à aplicação de elementos de cura, há as “simpatias”, que se utilizam de animais – ou parte deles - para resolver problemas que afetam pessoas, plantações e assim por diante.

#### Capítulo 3 – Os resguardos, benzimentos, crenças e simpatias

No capítulo 3 é apresentado como e realizado o cultivo e o preparo de remédios a ser aplicado no tratamento: pelas “garrafadas”, com os xaropes,

	<p>os unguentos, os chás, as compressas etc., no tratamento de mal-estar. E quais dessas plantas são utilizadas no benzimento.</p> <p>Capítulo 4 – As doenças de antigamente e as doenças de hoje</p> <p>Nesse capítulo apresenta uma definição que é doenças? E propõe ao leitor um pensamento sobre essas questões. O que é a medicina popular de hoje?</p>
	<p><b>Nome da obra</b></p> <p><b>MA'ETỸ REGUA TEKOA PORÃ NHĀDEWA</b></p> <p><b>Autor/a/res /Editora-Projeto</b></p> <p>Mauro Luiz Carvalho - Karai Arã Sílvio Carvalho Gonçalves- Nhamandu Aciara Carvalho - Keretxu Rete</p> <p>AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA – Núcleo Espírito Santo Universidade Federal do Espírito Santo e Prefeitura Municipal de Aracruz</p> <p>Aldeias guarani do Espírito Santo</p> <p>Terra Indígena Caieiras Velhas</p> <p><b>Data:</b> 2015</p> <p>Aldeias Guarani</p> <p>Terra Indígena Caieiras Velhas</p> <p><b>Tema abordado</b></p> <p>Este caderno é uma produção da ação saberes indígenas na escola - MEC, desenvolvido no ano de 2015 nas aldeias guarani do espírito santo, numa parceria da Universidade Federal do Espírito Santo e a Secretaria Municipal de Educação. O caderno acompanha um vídeo, de mesmo nome, que traz para o universo escolar saberes guaranis sobre o plantio tradicional. A proposta do caderno é servir de apoio ao uso do vídeo. Para tanto, traz transcrições de trechos do vídeo, acompanhadas de sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas por professores e alunos, como pesquisas, produção de texto e desenhos para colorir. O texto é apresentado nas línguas guarani e português e inclui um glossário de palavras em</p>

guarani relacionadas ao tema do vídeo, além de sugestões de fontes para pesquisa.

**Resumo**

O caderno de atividade MA'ETÿ REGUA TEKOA PORÃ NHÃDEWA vem trazendo uma proposta com textos escrito no Guarani traduzido no português, o mesmo traz uma contribuição de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula. são textos que fala sobre o modo de vida do povo Guarani e como surgiu a proposta para a elaboração desse caderno, pois o mesmo veio surgiu como uma proposta para registrar a memória e a cultura e principalmente fortalecer a identidade.

Nas páginas seguintes são atividades para serem realizadas. Os textos apresentam alguns tipos de alimentos do povo Guarani e a importância com que eles tratam a agricultura e o respeito por cada fases da lua em cada processo do plantio.

### **Discussão sobre os resultados da pesquisa**

A literatura indígena, bem como as tradições poéticas, já existia na tradição oral, e que nos últimos anos apenas passou a fazer uso de outros recursos, a forma escrita. Os temas mais abordados nas literaturas Tupinikim são: Lutas pelo resgate da cultura, identidades do povo Tupinikim e lutas pelo território, logo em seguida temos as obras que nos permite conhecer a tradição apresentada no modo de vida do povo Tupinikim desde o século XX até os anos atuais.

Os temas são abordados a partir de relatos e entrevistas de membros das comunidades indígenas Tupinikim.

Os temas apresentados na obra literária poderão contribuir significante para a preservação e valorização da língua e cultura indígena. Esse movimento foi iniciado no final do século XX vem ampliando a possibilidade de transmissão de conhecimento e interação social e política entre os povos indígenas e a todas sociedade. a literatura escrita indígena vai além da publicação de livros com a temática indígena. Ela contém a possibilidade de autorrepresentação de autorrepresentação de povo que por vezes foram mantidos em categoria secundária no panorama político e cultural nacional. d

A produção literária a forma escrita iniciou-se na década de 1980 pela demanda de material didático utilizando nas escolas indígenas que refletissem a cultura e a realidade de cada povo. Felizmente, com o passar do tempo, a literatura indígena foi assumindo outras características que enriqueceram seu conteúdo. Ela não se limitou ao caráter didático inicial, mas ampliou seu escopo por meio da criação de obras narrativas.

Com base nos dados coletados é possível concluir a importância de projetos educacionais para manter a literatura indígena e os saberes na escola. É importante reconhecer que a literatura indígena faz parte de um saber que reforça a identidade e transmite ao indivíduo força para lutar e se conhecer mais e mais. A literatura é um incentivo aos mais jovens povos a terem autonomia ao falar de si e do seu povo, a literatura se torna uma ferramenta potente contra qualquer violência e racismo contra o povo indígena e a sua identidade. Os povos indígenas conquistaram o direito ao

resgate das suas línguas maternas e a sua educação diferenciada e com isso veio a oportunidade de produzir seu próprio material para atender a educação escolar indígena possibilitando aos educadores indígenas uma formação de qualidade para estarem produzidos seus próprios materiais didáticos para auxiliar os trabalhos em sala de aula.

### **Diferenças entre os livros editados por indígenas e não indígenas**

O ensino da história e da cultura indígena brasileira tornou-se obrigatória desde 2008, mas já existia na década de 1990 e entrou nesse século como movimento literário reconhecido. A produção das literaturas indígenas ajuda a recontar a história do Brasil a partir de uma perspectiva diferente das narrativas oficiais. Os livros didáticos nos mostram uma história contada do ponto de vista ocidental. Com a influência dos povos indígenas na construção de cidades, estradas e também com as características culturais como os hábitos alimentares e etc... Essa é a diferença entre o que é contado nos livros didáticos e a realidade da história indígena contada nas literaturas. As obras pesquisadas estão disponíveis nas bibliotecas das escolas indígenas uma delas é a EMEFI “Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caieiras Velha”, a escola possui uma biblioteca grande e arejada, os livros didáticos são disponibilizados pela FNLD (Fundo Nacional do Livro Didático) com componentes curriculares apropriados ao ano/série. Há livros de literatura indígena que são disponibilizados ao empréstimo aos alunos e uso dos professores em suas aulas.

Na entrevista que fizemos com a professora Andreia, na aldeia Pau Brasil, em 20 de outubro de 2020, ela explicou que a “Luta pela Terra” é compreendida pelos indígenas como uma “problemática inclusiva” do currículo que articula as demais temáticas. No entanto, a discussão no encontro do dia anterior contemplou a abordagem pelo viés da “gestão territorial”.

### **Considerações finais**

O trabalho com a literatura indígena na escola possibilita a termos um olhar diferenciado em relação as literaturas ocidentais, a literatura indígena nos dá a chance de ampliar nossos conhecimentos da nossa própria trajetória do passado aos dias atuais, propondo a revitalização da nossa língua, propondo a superar preconceitos e discriminação construídos sobre a realidade do nosso povo que vem sofrendo a séculos. Assim como o silenciamento e a invisibilidade dos diversos grupos indígena. As literaturas Tupinikim que ainda estão nas bibliotecas das escolas podem circular em nossas comunidades até mesmo em outros lugares fora das comunidades. Cabe a nós professor e estudantes, estimula-los para que descubram a riqueza desta literatura, já que os professores exercem um papel fundamental na formação de leitores. A literatura indígena nos convida a desconstruir e repensar sobre os nossos direitos na sociedade e ao utilizar a literatura na sala de aula motivaremos os leitores com mais competência e mais confiante sobre sua identidade.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena. Resolução no 03, de 10 de novembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação. Lei n.o 10.172, de 9 de janeiro de 2001.

Educadores Índios Tupinikim e Guarani e Mugaribi, Edivanda (Org.). Os Tupinikim e Guarani Contam... 2. ed. Vitória, 2005.

[https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/12/leitura\\_da\\_literatura\\_indigena\\_na\\_sala\\_de\\_aula\\_contribuicoes\\_para\\_o\\_ensino.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/12/leitura_da_literatura_indigena_na_sala_de_aula_contribuicoes_para_o_ensino.pdf)

<http://lemad.fflch.usp.br/Livros-didaticos-indiginas>

<https://revistas.ufg.br/racs/article/view/66077>

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15026-literatura-ind%C3%ADgena-brasileira-origens,-desenvolvimento-e-import%C3%A2ncia>

<https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/8-obras-para-trabalhar-a-literatura-indigena-em-sala-de-aula/>

<https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/os-desafios-da-educacao-indigena-diante-da-pandemia-da-covid-19/>

[https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal/tese\\_15416\\_TESE%20COMPLETA%20ARLETE%20JUNHO%20PDF%20V%C1LIDO%20-%20PPGE.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_15416_TESE%20COMPLETA%20ARLETE%20JUNHO%20PDF%20V%C1LIDO%20-%20PPGE.pdf)

## ANEXO I

### **Atividades desenvolvida por educadores indígenas da escola EMEFI Caieiras Velhas**

O objetivo deste trabalho é exemplificar a literatura produzida pelos Tupinikim para o trabalho em sala de aula. Trata-se de apresentar as medidas convencionais e não convencionais com os quais os familiares das crianças indígenas lidam em seu cotidiano, estimulando a Reflexão sobre os saberes e fazerem nas comunidades. Levar os alunos a compreender as medidas de comprimentos, fazendo uso das unidades de medidas trabalhadas, estimulá-los a realizar estimativas e finalmente resolver e criar situações problemas dos quais surgem em nossos cotidianos.

Objetivo: Promover uma reflexão sobre as medidas no cotidiano comunitário

Metodologia: Roda de conversa entre os membros da comunidade Tupinikim e os estudantes.

### **Esteira de Taboa**

“A taboa é uma palha que encontramos em brejos, o brejo é um local alagado geralmente de água doce, a taboa mede em média 2,20 metros de altura, ela é colhida ou retirada no escuro, ou seja, no momento das luas nova crescente e minguante, pois no claro, ou seja, na lua cheia taboa dá broca. A taboa é utilizada para fazer artesanato como: tanga, cocar, pulseira, bolsa, cestos e vários outros, entre estes está a esteira. Para fazer a esteira se utiliza um feixe de taboa.”

“Primeiro se corta a taboa no brejo em feixes que não tem uma quantia exata de folhas, (para medir o feixe podemos comparar a um abraço aberto) leva-se os feixes para casa e são estendidos para secarem sem exatamente um tempo certo, pois depende do sol. Nesse meio tempo se retira a embira que é da casca da embirema que será utilizada para amarrar a esteira. Daí se pega dois ganchos e uma madeira para colocar apoiada nos ganchos como se fosse um cavalete, mas o nome que se dá é poiá. Essa madeira que fica apoiada nos ganchos tem 12 cavas medidas de um em um palmo onde um palmo tem em média 22 centímetros, a embirema é amarrada em pedaços de madeira que pode ser qualquer uma, sendo que seja o mais leve possível, e essa madeira tem o nome de birro, pega-se 12 birros e enrola a embira e amarra a ponta nas cavas da madeira e

depois começa a amarrar as taboas, primeiro pega as taboas coloca de costa para a outra e começa a amarrar e como se estivesse trançando e amarrando como gomos, daí quando ela estiver com seis palmos de largura amarra o fim e retira do poiá, daí ela fica com 12 palmos de comprimento e 6 palmos de largura. Depois de pronta ela é usada para vender, cobrir camas, colocar no chão para deitar, cobrir o chão, e uma variedade de coisas.” (Entrevistada: Maria T. da Silva, idade: 60 anos. Etnia: Tupiniquim. Aldeia: Caeiras Velhas).

Proposta de Atividades educativas.

1. Trabalhar as quatro fases da lua com a turma do ensino fundamental em sala de aula. A partir de questões de perguntas e resposta, de observação e classificação eles poderão aprender sobre as quatro fases da lua: crescente, minguante, nova e cheia. Falar sobre a influência da lua sobre a terra e como se dividem as faces.

Questões sugeridas

- a. A lua crescente, a lua cheia, a lua minguante e a lua nova acontecem num período de 28 dias e cada uma forma uma fase da Lua. Quantas fases da Lua acontecem durante 2 anos? (considere 365 dias um ano)
- b. Quanto tempo dura cada fase da lua?
- c. Qual é a influência da lua na colheita da taboa?
- d. De acordo com o texto qual lua não é apropriada para retirar a taboa? Explique.
- e. Medição e comparação de medidas de comprimento, utilizando unidades de medidas tradicionais (passos, palmo etc.) e convencionais (centímetro, metro etc.) com diferentes instrumentos (régua, fita métrica).
- f. Maria tem 270 centímetros de fios de embirema para amarrar a esteira. Se ela o amarrar em pedaços de 50 centímetros terá algum pedaço que sobrar? Utilize a forma convencional para medir e chegar ao resultado.
- g. Com a esteira em mãos, utilize as medidas convencionais e não convencionais para medir e complete a tabela abaixo.

<b>Medidas tradicionais da Esteira</b>
--

	Altura	Largura
Polegares		
Palmos		
Pés		
Outros		

<b>Medidas convencionais da Esteira</b>		
	Altura	Largura
Régua		
Fita métrica		

h. Depois de preenchido as tabelas comparem as diferenças nos resultados obtidos.